

CIÊNCIA NO FEMININO: RELAÇÕES DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE

Science in women: gender relations at university

Emanuely Arco Iris Silva¹

1. emanuely_arcoiris@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre como vêm se desenhando as relações de gênero no corpo docente da Universidade, tomando como referência a presença da mulher docente na pós-graduação *stricto sensu* da UFPE e nos grupos de pesquisa registrados no CNPq. Para tanto, analisamos historicamente o número de mulheres e homens docentes das Pós-graduações e as/os líderes de cada grupo de pesquisa. Nesse aspecto, a investigação fundamentou-se em quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Saúde. Nossa metodologia esteve pautada em uma pesquisa quantitativa, do tipo exploratória e explicativa. Nessa perspectiva, centramos o nosso estudo no pensamento teórico de Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Londa Schiebinger, Colling e outras/os, no que se refere às questões das relações de gênero e da ciência. Outrossim, pesquisar sobre as relações de gênero na academia é ainda levar em consideração as diferenças socioculturais que hierarquizam os grupos existentes, para que possamos compreender a importância de uma sociedade onde mulheres e homens sejam iguais efetivamente, tanto em direitos, quanto na percepção social de seus papéis e comportamentos.

Palavras-chave: Gênero, Ciência, Universidade.

Abstract

This article aims to reflect on how to come up drawing gender relations in the faculty of the University, with reference to the presence of women in teaching UFPE *sensu stricto* postgraduate and research groups registered in the CNPq. Therefore, historically we analyzed the number of women and men teachers in graduate programs and / leaders of each research group. In this respect, the research was based on four areas of knowledge: Human Sciences, Exact and Earth Sciences, Engineering and Health Sciences Our methodology was guided by a quantitative research, exploratory and explanatory type. In this perspective, we focus our study on theoretical thinking of Walter Mignolo, Boaventura de Sousa Santos, Londa Schiebinger, Colling and other / them, with regard to issues of gender relations and science. Furthermore, research on gender relations in the academy is still to take into account the socio-cultural differences that rank the existing groups, so we can understand the importance of a society where women and men are effectively equal, both in rights and in social perception their roles and behaviors.

Keywords: Gender, Science, University.

Introdução

A segunda onda do movimento feminista buscou questionar os valores sociais que justificavam a dominação masculina e a subordinação das mulheres, cujas teorias, na perspectiva de conhecimento da modernidade, assumiam uma posição de suposta neutralidade do sexo nas produções acadêmicas, buscando, a partir desse entendimento, fundamentar a inferiorização das mulheres através de teorias de cunho determinístico naturalista, que tentavam justificar a ausência feminina em certas carreiras ou sua incapacidade para o desenvolvimento de algumas tarefas como sendo próprias ao sexo, determinadas por aspectos biológicos. Do lado oposto, as feministas defendiam que essas questões determinísticas deveriam ser entendidas sob uma perspectiva de gênero, colocando o debate da desigualdade entre os sexos como uma construção social, e não apenas biológica. Em face dessa discussão, Colling (2004) salienta:

Falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. (p. 29).

Nessa perspectiva, o que se pretendeu através dos estudos feministas foi colocar a mulher como sujeito de análise, possibilitando uma visibilidade das principais questões que levam à sua subordinação, trazendo para o debate estudos sobre a mulher na educação, a mulher e a política, a mulher e a maternidade e muitos outros.

Em face disso, a nossa pesquisa pretendeu oferecer reflexões sobre a seguinte questão: De que maneira vem se desenhando as relações de gênero no corpo docente da UFPE, tendo por referência a presença das mulheres docentes, na Pós-Graduação *Stricto Sensu* e os grupos de pesquisa registrados no CNPq?

Um olhar sobre a ciência

A modernidade se caracterizou por uma ruptura com tradições anteriores, inaugurando a partir disto o paradigma subjetivista, tendo o sujeito pensante como o centro, na qual o conceito de verdade estaria nas mãos dos homens. Neste período a ciência adquiriu um poder de explicar o mundo, assumindo um caráter de sinônimo de verdade, o que atualmente parece ser aceito de forma natural.

Deste modo, podemos identificar que, o que ocorreu com a ciência, foi a imposição de um conhecimento sob um ideal universalizante, que está expresso na tentativa de infundir nas outras formas de conhecer e compreender o mundo alheio a estas, subalternizando outras formas locais de percebê-lo (LAGE, 2008 p. 196). Nessa perspectiva, as promessas da modernidade e da ciência não se cumpriram, apesar de considerarmos que o advento da ciência trouxe grandes avanços para o desenvolvimento do conhecimento no mundo moderno. O que assistimos é uma forte relação da produção do conhecimento e o poder, que segundo Lage tem provocado um verdadeiro holocausto:

A simbiótica relação entre poder e conhecimento tem se traduzido num verdadeiro holocausto, protagonizado pela ciência, sobre todas as outras formas de conhecimento. Dentro desta perspectiva inscreve-se a idéia da competição epistemológica. Uma competição predatória, onde o ocidente civilizado canibaliza culturas e conhecimentos numa acirrada e desigual disputa por espaços e poder. Assim, a imposição desta supremacia tem limitado as possibilidades cognitivas do mundo, na medida em que se constrói como universalidade uma única forma de conhecimento [...] (LAGE, 2008, p. 198).

Nesse panorama, também no século XIX surge, em consequência da modernidade, as ciências sociais. Esta emerge num contexto de expansão da industrialização e da crescente urbanização, necessitando de novas formas de pensar a sociedade. No entanto, as ciências sociais tendiam a assumir características da ciência natural, pois segundo Santos (2009) a vertente dominante científica tendia a aplicar aos estudos da sociedade os princípios epistemológicos e metodológicos dos estudos da natureza, e nesse aspecto, fez-se necessário a reivindicação de metodologias próprias às ciências sociais, com base na especificidade do ser humano e sua distinção em relação a natureza (SANTOS, 2009 p. 33-34).

Na perspectiva dos estudos pós-coloniais, Walter Mignolo (2003) diz que a racionalidade negada a outras formas de conhecimento parte da ideia de que hoje existe uma forma de colonialidade entre

os poderes e os saberes. Para este autor a descolonização já não é um processo de libertação das colônias, com vista a formação de Estados independentes, “mas sim o processo de descolonização epistêmica e de socialização do conhecimento” (p. 632). Dessa maneira, e em convergência com Santos (2009), outras formas de conhecimento e de racionalidade devem ser pensadas a fim de criarmos formas e saberes para uma vida decente, buscando uma diversidade epistêmica nesse novo paradigma, onde os saberes subalternizados são valorizados.

Ainda para Mignolo

O poder da modernidade oculta, ao mesmo tempo, a colonialidade (do poder, do saber, do ser). A colonialidade do poder abre uma porta analítica e crítica que revela o lado obscuro da modernidade e o fato de nunca ter havido, nem poder haver, modernidade sem colonialidade. [...] A colonialidade (do poder, do conhecimento e do ser) aponta, por outras palavras, para a sempre oculta implicação de negação e repúdio em nome dos valores da modernidade ocidental (valores cristãos, entenda-se de base católica e protestante: a fé, a ciência, a liberdade, a democracia, justiça, os direitos humanos, etc.) (MIGNOLO, 2003, p. 634).

Em face disto, a modernidade pressupõe a colonialidade. Só existe a modernidade se comparada a colonialidade, ao atraso, como se esta fosse necessária àquela para se sustentar e aparecer como a única realidade existente, credível. Assim como aponta Santos (2000) e Mignolo (2003) o conceito de ciência na modernidade é totalitário, e esta ainda pode ser tanto regulatória como emancipatória. Regulatória, pois tem servido como padrões para avaliar todas as formas de conhecimento que não se enquadram nos limites da “supremacia epistêmica”. A nosso ver é emancipatória quando vistas por paradigmas emergentes.

O que se quer abordar é que não pode haver apenas uma direção, mesmo que esta seja considerada boa. O que não significa dizer que apenas o olhar da colonialidade seja mais viável, mas que possa haver várias direções, pois uma única direção levaria ao totalitarismo. Nas palavras de Mignolo “o problema é que não pode haver um caminho, uni-versal. Tem de haver muitos caminhos, pluri-versais. E este é o futuro que pode ser alcançado a partir da perspectiva da colonialidade com a contribuição dada pela modernidade, mas não de modo inverso” (MIGNOLO, 2003 p. 642).

Crítica Feminista da Ciência

A crítica feminista da ciência vem no sentido de superar formas excludentes do mundo moderno, questionando a noção de neutralidade e objetividade na produção de conhecimento, refletindo sobre o conhecimento como um campo marcado por valores e perspectiva masculina, funcionando como um veículo que buscou, por muito tempo, justificar e sustentar a dominação masculina. No campo das ciências naturais, por exemplo, pesquisas buscaram justificar a dominação masculina por questões referentes ao sexo, tentando comprovar que mulheres são, por natureza, menos inteligentes, mais frágeis ou não demonstram habilidades no campo da matemática. Tais questões podem estar justificadas pela ausência histórica das mulheres na ciência, pois, por muitos séculos, a ciência foi vista como uma atividade exclusivamente masculina, atribuindo às mulheres apenas papéis secundários.

A crítica feminista da ciência, que se intensificou apenas por volta da década de 1960, buscou romper com a ciência androcêntrica, na qual possui metodologias orientadas pela experiência masculina. Entretanto, com isso, não se quer dizer que devemos construir agora uma ciência apenas feminina, mas que essa crítica buscou trazer contribuições para se pensar as desigualdades em torno das ciências. Para Mignolo (2003), é possível considerarmos três dimensões que a crítica feminista aponta. A primeira está ligada à visão da ciência moderna, na qual foi e é uma construção epistêmica a partir de uma perspectiva masculina; outra questão fundamental para refletirmos é que, ao considerarmos a visão masculina de ciência, tornam-se invisíveis outros tipos de conhecimento e outras perspectivas de compreensão do mundo. Por fim, a crítica feminista da ciência serviu para desalojar o mito de que a ciência estaria “purificada e vacinada contra a infecção sexual e da diversidade” (MIGNOLO, 2003, p. 649).

Diante disso, a contribuição da crítica feminista trouxe novas possibilidades para pensar a produção de conhecimento em um campo hierarquizante que é a ciência. Nesse sentido, conforme Lage (2008) apresenta, os estudos feministas

Impulsionam o surgimento de espaços para questionar e desconstruir identidades subalternizadas, que sempre foram utilizadas para justificar ausências dentro do mundo científico, pondo fim aos silenciados questionamentos sobre os rumos da ciência e dos seus projetos, interesses e compromissos. Dentro desta perspectiva, fica claro que o caminho trilhado pela ciência tem sido marcadamente sexista, pois a generalização da raça humana, enquanto uma categoria masculina assume uma universalidade que não representa nem no mínimo, a metade da humanidade (p. 203).

Ademais disso, se levarmos em consideração que a ciência tem como referência não apenas uma visão masculina, mas também branca e eurocêntrica, fica ainda mais evidente o caráter excludente da mesma, que segrega outros tipos de conhecimento que não se enquadram no padrão determinado.

A crítica feminista, sobretudo, contribuiu para a reflexão da ciência na sua perspectiva binária, pois foi sempre essa perspectiva que buscou justificar desigualdades em sociedades divididas entre dominantes e subalternos. Nessa direção, a ciência serve como uma expressão de sua ideologia que, por sua vez, representa a maneira de pensar necessária à preservação da hegemonia de um grupo. Conforme esse entendimento, Jaggar (1997) considera que o conhecimento separa mente/corpo, razão/emoção, desse modo a emoção e o corpo são considerados prejudiciais ao conhecimento. Segundo esse autor, com o desenvolvimento da ciência moderna:

As esferas da natureza e dos valores foram separadas: a primeira foi despojada de qualquer valor e reconceitualizada como um mecanismo inanimado sem mérito intrínseco. Os valores foram deslocados para os seres humanos e enraizados em suas preferências e respostas emocionais. A separação entre fatos supostamente naturais e os valores humanos significava que a razão, a fim de poder fornecer um entendimento fidedigno da realidade, deverá ser abstraída desses valores para não ser por eles contaminada (p. 158).

A crítica feminista questiona a neutralidade na ciência, considerando que o/a pesquisador/a não vai ao campo de pesquisa sem seus valores e sua moral pré-estabelecida. Na perspectiva de Jaggar, o pensamento feminista contribui para acabar com o mito da investigação imparcial, pois, como a razão tem sido associada a grupos dominantes, esse mito serviria para reproduzir suas autoridades epistêmicas, visto que “o ideal do investigador imparcial é, portanto, um mito classista, racista e, sobretudo, masculinista” (JAGGAR, 1997, p. 172).

Para Londa Schiebinger (2001), o feminismo trouxe grandes avanços para a ciência, pois tempos atrás era impossível imaginar que as mulheres pudessem ocupar cargos convencionados masculinos como o de cientista-chefe da NASA, ou não se esperava que uma importante revista norte-americana, como a *Science*, debateria em um artigo se existe um “estilo feminino” na ciência.

Em face dessas discussões, Lage (2008) defende que a superação da condição histórica de subalternização de grupos exige uma ciência militante que faça do ato de produzir conhecimentos um ato político e socialmente responsável e o compromisso com a transformação social. Para esse fim, segundo a autora, a militância científica exige competência e paixão.

Competência para produzir conhecimentos de alta qualidade, com profundidade e embasamento teórico e prático. Paixão pelo esforço intelectual exigido para a transgressão das amarras da colonialidade do saber, que impõe limite para o avanço das reflexões pós-coloniais que desmascaram a farsa da universalidade do saber e da subalternidade dos outros conhecimentos. Nessa direção, a militância dentro da ciência colonial tem inúmeros desafios a ultrapassar, que vão desde o questionamento de sua credibilidade até a quebra do silenciamento de seu compromisso social e ético. Por isto faz-se necessário atingir sua hegemonia, vulnerabilizando-a (LAGE, 2008, p. 211).

Sendo assim, as discussões feministas em torno da ciência inaugura uma perspectiva crítica que busca superar a ideia de ciência universal e de uma ciência totalitária, que

historicamente excluiu grupos sociais do mundo da ciência, considerando esses como incapazes de produzir conhecimento. Nessa direção, a concepção feminista de conhecimento constitui um passo importante para a superação da ciência androcêntrica e para a criação de novas formas de perceber o mundo e de romper os silenciamentos. Devemos considerar que, ao romper com formas tradicionais de construção de conhecimento, a criação de outras epistemologias, como a feminista, permitiu também uma reflexão maior sobre outros grupos subordinados que estavam inferiorizados pelo discurso da modernidade, como grupos étnicos raciais e geograficamente diferentes.

Metodologia

Diante do objetivo a que nos propusemos pesquisar, nossa metodologia esteve pautada em uma pesquisa quantitativa. Segundo Bernadete Gatti (2004), citando Falcão e Régnier (2000, p. 232),

[...] a análise de dados quantitativos constitui-se em um trabalho que propicia que “a informação que não pode ser diretamente visualizada a partir de uma massa de dados poderá sê-lo se tais dados sofrerem algum tipo de transformação que permita uma observação de um outro ponto de vista”. [...] “a quantificação abrange um conjunto de procedimentos, técnicas e algoritmos destinados a auxiliar o pesquisador a extrair de seus dados subsídios para responder à(s) pergunta(s) que o mesmo estabeleceu como objetivo(s) de seu trabalho” (GATTI, 2004 apud FALCÃO RÉGNIER, 2004, p. 14).

Os sujeitos da nossa pesquisa foram as/os docentes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através dos registros dos grupos de pesquisa no CNPq, para buscar analisar a trajetória das mulheres enquanto docentes dentro desses grupos. Tomando como referência os líderes. Nesse sentido, o trabalho de coleta de dados foi realizado a partir das seguintes fontes de informação:

- Os arquivos históricos da Progepe e da Propesq;
- Sítio do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Utilizamos na técnica de coleta de dados a pesquisa documental.

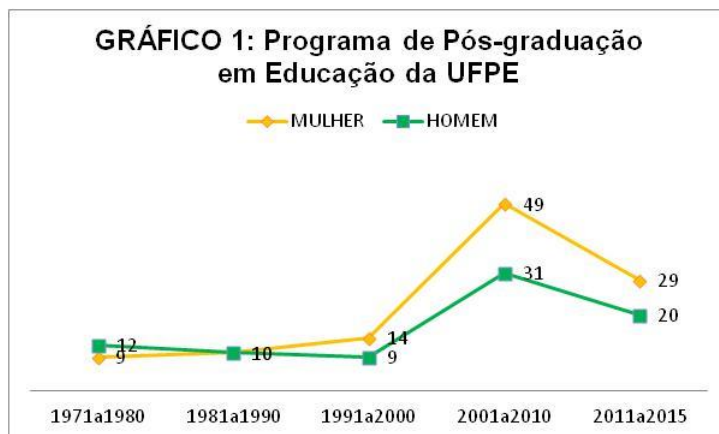
Mulheres nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPE

Buscando dar conta do objetivo a que nos propusemos investigar, que é a presença das mulheres nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, após o levantamento geral que realizamos nos centros selecionados, a nossa pesquisa buscou analisar os dados dos Programas de Pós-Graduação, tomando também como referência as quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Saúde. Assim sendo, delimitamos o nosso trabalho a oito Programas, são eles:

- Programa de Pós-Graduação em Educação;
- Programa de Pós-Graduação em Sociologia;
- Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil;
- Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção;
- Programa de Pós-Graduação em Cirurgia;
- Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical;
- Programa de Pós-Graduação em Matemática;
- Programa de Pós-Graduação em Física.

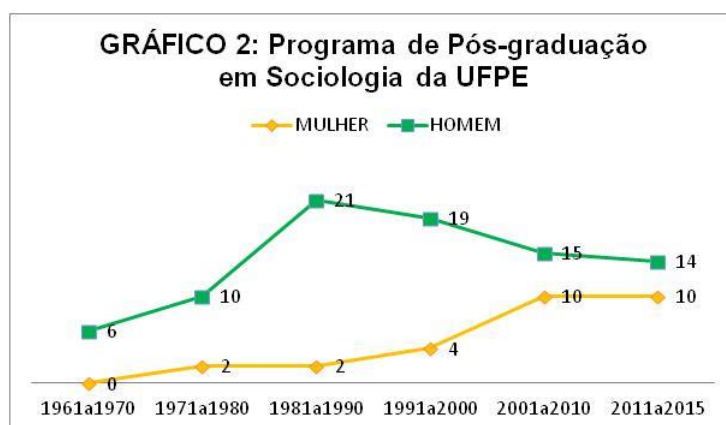
A escolha desses Programas se deu principalmente por serem um dos mais antigos dentro de suas áreas de conhecimento, bem como por ser um dos mais atuantes dentro na Universidade e nos grupos de pesquisa.

O Programa de Pós-Graduação em Educação iniciou em 1978 com o nível de mestrado e em 2002 com o doutorado e possui como linhas de pesquisa: Didática de Conteúdos Específicos; Teoria e História da Educação; Política Educacional, Planejamento e Gestão Educacional; Formação de Professores e Prática Pedagógica. O Gráfico 1 apresenta o estudo comparativo entre as/os docentes considerando o sexo, desde o início deste Programa na UFPE.



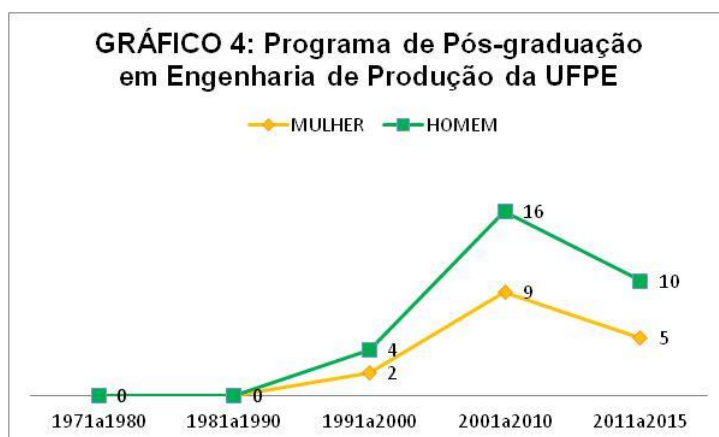
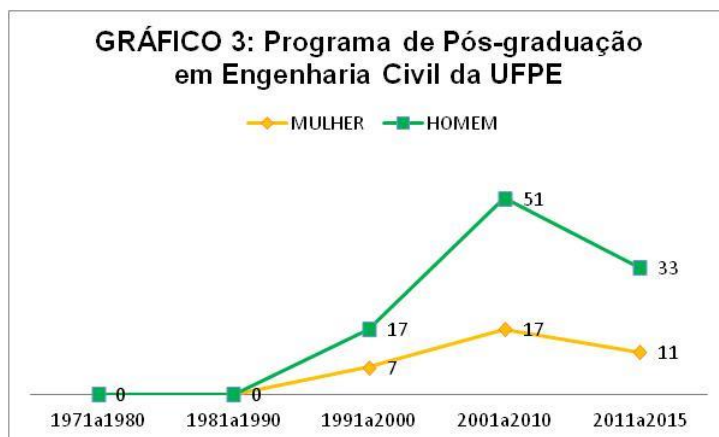
Na década de 1970, podemos observar que há um maior número de homens do que de mulheres – estas representavam 42,8% do total; na década de 1980, a presença desses se torna equivalente e, a partir da década de 1990, as mulheres passam a ocupar mais espaço no Programa, ou seja, passam a ocupar 60,8% do quadro de docentes. Na década de 2000, após o início do doutorado, o Programa recebe uma quantidade ainda maior de docentes, no entanto as mulheres continuam sendo maioria, representando 61,2%. Dados mais recentes sobre a presença das/os docentes do Programa, mostram que as mulheres ainda são a maioria, em 2011 representaram 59,1%. Entretanto, estamos caminhando para uma presença mais equilibrada entre os sexos. Cabe observar também que, diferentemente dos dados gerais coletados do Centro de Educação, quando passamos para instâncias consideradas de maior prestígio na Universidade, mesmo em áreas convencionadas femininas, vemos uma maior presença masculina.

Também na área de conhecimento das ciências humanas selecionamos o Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que iniciou com turma de mestrado em 1967 e em nível de doutorado em 1995. Possuem as linhas de pesquisa Cultura Política, Identidades Coletivas, Representações Sociais; Família e gênero; Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia; Processos Sociais Rurais e Novas Tendências na Agricultura; Organizações, Espacialidade e Sociabilidade; Teoria e Pensamento Social. Diferente dos dados apresentados no Programa de Educação, este possui uma presença maior de docentes homens, embora a presença feminina seja crescente, como está expresso no Gráfico 2.



Podemos observar que na década de 1970 a presença feminina significou apenas 16,6% do total de docentes neste Programa. Na década seguinte, esse número é ainda menor, pois apenas 8,6% eram mulheres. Nos anos 2000, em decorrência da ampliação deste com o doutorado, as mulheres passam a ocupar mais vagas no programa, assumindo 40% e nos últimos cinco anos assumiu 41,6%.

A segunda área de conhecimento selecionada para a nossa pesquisa foram as engenharias. Diferentemente das Ciências humanas, as engenharias são áreas, também na Pós-Graduação da UFPE, ocupadas em sua maioria por docentes do sexo masculino. Os Gráficos 42 e 43 ilustram essa afirmação.



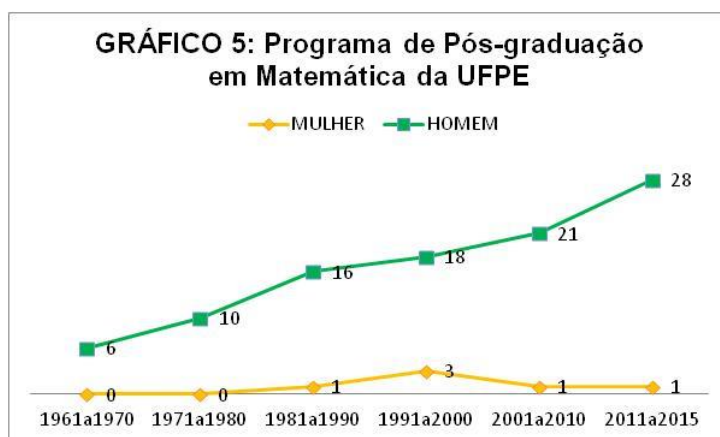
O Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da UFPE (Gráfico 3) iniciou a partir de 1992 e possui diversas linhas de pesquisa, são elas: Análise Experimental; Análise Não Linear; Análise Teórica e Experimental; Comportamento de Solos Saturados e Não Saturados; Economia de Transportes; Estruturas de Concreto; Estruturas e Petróleo; Geotecnia Ambiental; Gestão Ambiental; Otimização Estrutural; Novos Materiais para Construção Civil; Modelagem e Simulação Numérica; Planejamento dos Transportes e Engenharia de Tráfego; Tecnologia Ambiental; Recursos Hídricos; Sistemas de Gerência de Pavimentos. Na década de 1990, as mulheres representavam 29,1% do total de docentes; na década seguinte, a presença feminina cai para 25% e na atualidade o percentual permanece o mesmo. Esses dados evidenciam que mesmo nos Programas de Pós-Graduação houve pouco crescimento das mulheres, pois, assim como analisamos anteriormente, em áreas consideradas, na Universidade, como de maior prestígio ainda sofrem, na atualidade, um processo de segregação territorial e hierárquica.

No Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (Gráfico 4), percebemos que as diferenças existem, mas são em menor proporção. Este Programa, que também foi criado na década de 90, mais precisamente em 1998, com turmas de mestrado e, pouco tempo depois, em 2001, com o doutorado, possui quatro linhas de pesquisa: Sistemas de Informação e Decisão; Planejamento e Gestão de Competitividade; Confiabilidade, Manutenção e Riscos em Sistemas de Produção; e Otimização de Sistemas e Processos. No início do programa, as mulheres

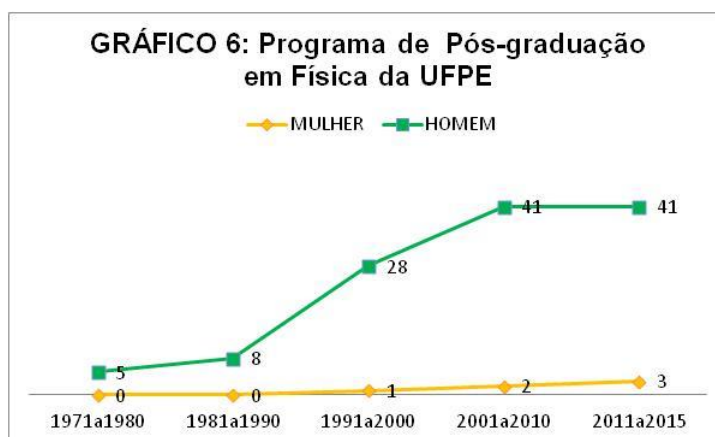
ocuparam um terço das vagas de docentes; uma década depois, essa presença cresce para 36% e nos últimos cinco anos as mulheres voltam a ocupar apenas um terço do total de docentes.

Na área de conhecimento Ciências Exatas e da Terra a ausência da mulher é ainda maior, pois, apesar de serem programas com maior tempo de criação, ainda não é possível registrar uma presença relevante feminina, seja devido à falta de interesse dessas em ingressar nesse Programa ou pela segregação histórica que convencionou lugares a serem ocupados por ambos.

O Programa de Pós-Graduação em Matemática, que foi criado em 1967 em nível de mestrado e em 1984 em nível de doutorado, possui as seguintes linhas de pesquisa: Álgebra; Álgebra Comutativa; Combinatória; Combinatória e Otimização; Completude Geodésica; Equações Diferenciais Parciais; Geometria de Variedade com Curvatura Constante; K-Teoria; O Problema de Yamabe; Projeto Isolado; Sistemas Dinâmicos em Mecânica Clássica e Mecânica Celeste; Topologia e Geometria; e Topologia Geométrica. O Gráfico 5 expressa, em termos quantitativos, a diferença entre a trajetória de mulheres e homens dentro do Programa.



Observamos que, só a partir da década de 1980, três décadas após ter iniciado o Programa que a primeira mulher ingressa nesse, mas, na década de 1990, esse número cresce, entretanto, o mesmo representa apenas 14,2% do total de docentes. Nos anos 2000, a presença feminina reduz para 4,5% e nos últimos cinco anos essa representação é ainda menor, ocupando apenas 3,4%, ou seja, dos vinte e oito docentes do programa, apenas uma é mulher.

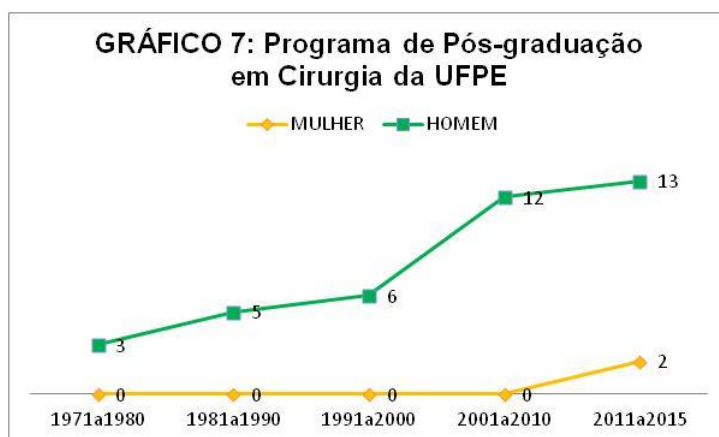


A análise em torno do Programa de Pós-Graduação em Física ocorre de forma similar, pois, apesar de ter se passado quatro décadas da criação do Programa, este ainda é muito marcado pela ausência das docentes mulheres. Suas linhas de pesquisa são: Física da Matéria Condensada: Física de Materiais e Dispositivos Semicondutores, Materiais Magnéticos e Propriedades Magnéticas, Nanoestruturas e Nanodispositivos Semicondutores, Polímeros Não Convencionais, Propriedades Térmicas da Matéria Condensada, Ressonância Magnética Nuclear, Supercondutividade - Dinâmica de Vórtices e Materiais Nanoestruturados; Óptica: Biofotônica, Dinâmica Não Linear de Lasers, Espectroscopia Não Linear em Sistemas Atômicos e Moleculares, Óptica Integrada em Fibras Ópticas e Guias de Ondas, Óptica Quântica e

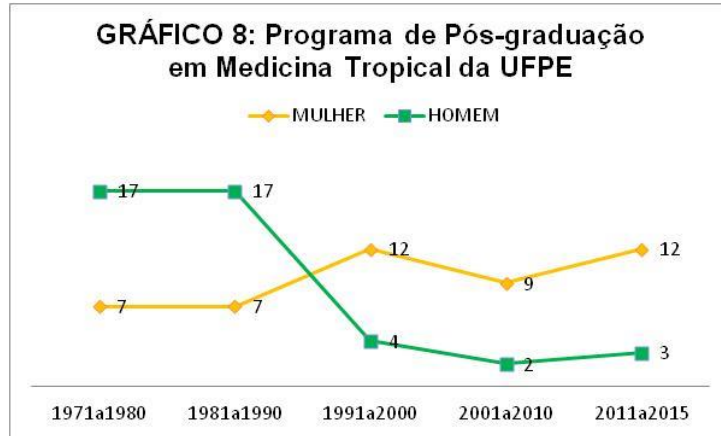
Espectroscopia de Átomos Frios, Processos Ópticos em Matéria Condensada, Nano Óptica; Física Teórica e Computacional: Caos e Sistemas Complexos, Fractais e Fraturas, Dinâmica de Fluidos, Estatística de Caminhadas Aleatórias e Polímeros, Física Biológica, Física Computacional e Física Não Linear, Fluidos Magnéticos, Magnetismo de Sistemas Desordenados e Elétrons Fortemente Correlacionados, Teoria da Supercondutividade, Teorias de Campos em Física Estatística e Matéria Condensada, Transições de Fase e Fenômenos Críticos, Transporte Quântico e Física Mesoscópica, Teoria de Cordas, Relatividade Geral e Teorias de Campos em Espaços Curvos. A entrada da mulher neste programa ocorreu apenas na década de 1990, no entanto, dos vinte e nove docentes, apenas uma era mulher. Na década de 2000, esse quadro ainda permanece quase o mesmo, pois mesmo após quase quatro décadas do início do Programa apenas duas mulheres faziam parte desse, representando apenas 4,6%. Atualmente esse número cresceu, mas ainda equivale a 6,8%.

A quarta e última área de conhecimento que selecionamos para a análise foi a de Ciências da Saúde. Nessa perspectiva, assim como observado anteriormente no levantamento total do Centro de Ciências da Saúde, os dados nos levam a concluir que os lugares ocupados pelas mulheres são aqueles ainda ligados ao cuidar e no campo da saúde; são aqueles ligados também ao social, com um nível de complexidade mais baixo.

O Programa de Pós-Graduação em Cirurgia (Gráfico 7) é formado por quatro linhas de pesquisa: Aplicação Clínica e Experimental de Biopolímeros da Cana-de-açúcar; Esquistossomose Mansônica Clínica e Experimental; Infecção em Cirurgia; Malformações Congênitas; Tratamento Cirúrgico da Incontinência Urinária, que foi criada em 1973. Ao longo das últimas quatro décadas, o Programa foi formado exclusivamente por homens. apenas nos últimos cinco anos é que foi possível registrar a presença feminina, entretanto essas somam, ainda, 13,3%, percentual menor se compararmos com o levantamento realizado em todo o Centro.

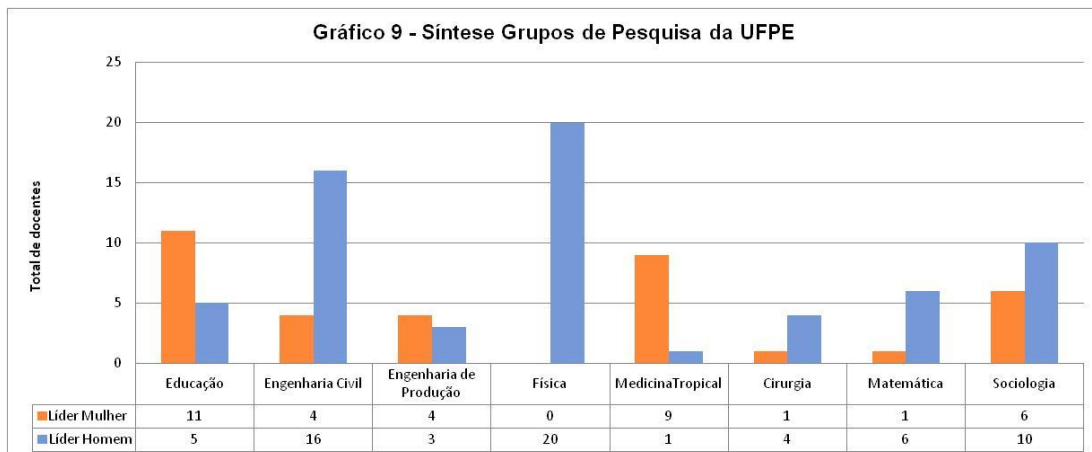


Já no Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical (Gráfico 8), formado pelas linhas de pesquisa: Aids e Doenças Sexualmente Transmissíveis; Análises Epidemiológica e Antigênica do CHV, HTLV-1, HHV-6, HPV, EBV, Dengues e Hepatites Virais; Doenças Exantemáticas; Defesa do Hospedeiro, Papel de Células Imunocompetentes; Esquistossomose; Infecção Hospitalar; Leishmaniose; Quadro Clínico e Etiologia das Gastroenterites; Tuberculose, vimos que, diferentemente do observado na análise geral dos Centros, a partir da década de 1990, cresceu no Programa a presença feminina, passando a assumir 75% do total de docentes. Nos últimos cinco anos este cresceu para 80%.



Representação de Gênero nos Grupos de Pesquisa da UFPE Registrados no CNPq

A nossa pesquisa traçou o número de grupos de pesquisas das/os docentes dos Programas de Pós-Graduação da UFPE registrados no CNPq, identificando o percentual de líderes mulheres e homens. Desse modo, analisamos os grupos de pesquisa, tomando como referências oito programas de pós-graduação. Assim, refletir sobre o quantitativo de líderes nos grupos de pesquisa nos possibilita compreender ainda mais as relações de gênero presentes na universidade. Esta escolha se deu por entendermos que são os líderes que escolhem seus pesquisadores, bem como concebe as concepções trazidas para o grupo e possuem maior visibilidade. O Gráfico 9 sinaliza o levantamento geral realizado a partir dos grupos de pesquisa selecionados.



Diante disto, investigamos um total de 101 grupos de pesquisa, a partir dos Programas de Programa de Pós-Graduação em Educação; Pós-Graduação em Sociologia; Pós-Graduação em Engenharia Civil; Pós-Graduação em Engenharia da Produção; Pós-Graduação em Cirurgia; Pós-Graduação em Medicina Tropical; Pós-Graduação em Matemática; e Pós-Graduação em Física. Desses, apenas 35 tinham como líder uma mulher, o que nos leva a compreender que a concessão de financiamento para pesquisas ainda assume um caráter hierarquizante e que este muda de acordo com a área de conhecimento.

Ao analisarmos os grupos de pesquisa em cada área, observamos que a presença masculina como líder de pesquisa é maior nos programas de maior prestígio na universidade. No que se refere ao levantamento realizado nos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, observamos que dos 20 grupos de pesquisa registrados no CNPq, apenas 4 grupos tinham como líder uma mulher, ou seja, apenas 20%. Entretanto, o mesmo não é

observado nos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Neste, as mulheres estavam na liderança de 57% dos grupos. Dos 7 grupos de pesquisa registrados no CNPq, 4 são liderados por mulheres e 3 são liderados por homens, o que pressupõe que este caminha para uma maior igualdade nas pesquisas. Todavia, também observamos que os grupos liderados por mulheres eram aqueles ligados à preservação de domínio da prática, como por exemplo, o Grupo de Saneamento Ambiental e o Grupo de Gestão e Negociação de Recursos Hídricos.

Já os resultados obtidos a partir da análise dos grupos de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Física e do Programa de Pós-Graduação em Matemática, diferentemente do observado no Programa de Engenharia de Produção, fica claro que os programas, além de ter uma presença maior de homens docentes, as lideranças dos grupos de pesquisa também estão a cargo dos mesmos.

Nessa perspectiva, nos grupos de pesquisa registrados no CNPq do Programa de Pós-Graduação em Física, dos 20 grupos pesquisados, nenhum tem como líder uma mulher.

Dos 7 grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Matemática, apenas 1 é liderado por mulher, o que em termos percentual representa apenas 14% do total.

No tocante aos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Cirurgia, observamos que este, assim como analisado de modo geral na docência da graduação e do Programa de Pós-Graduação, possui um percentual maior de homens líderes em grupos de pesquisa. Dos 5 grupos de pesquisas registrados no CNPq, apenas 1 tem como liderança uma mulher.

No entanto, os grupos de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical são liderados, em sua maioria, por mulheres, pois 90% dos grupos de pesquisa têm como líder uma mulher; dos 10 grupos de pesquisa, 9 são liderados por mulheres.

Por fim, buscamos analisar os dados que expressavam o quantitativo de grupos liderados por mulheres e por homens nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Sociologia. Nessa direção, identificamos, que, apesar de a educação historicamente ter sido convencionada como uma área de atuação feminina, percebemos que em níveis mais elevados de atuação docente há também uma presença considerável de homens, se compararmos com a Educação infantil e a Educação Fundamental, por exemplo.

Ao analisarmos do o gráfico, concluímos que 69% das mulheres são líderes de grupos de pesquisa vinculados ao CNPq no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Nesse sentido, dos 16 grupos, 11 são liderados por mulheres e 5 são liderados por homens.

Entretanto, nos grupos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Sociologia acontece o contrário do observado no Programa de Educação, pois apenas 37% tem como líder uma mulher, o que em número representa 6 dos 10 grupos registrados no CNPq.

Considerações Finais

Sobre a evolução do número de mulheres docentes na UFPE – graduação e pós-graduação – nas áreas de conhecimento de Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Saúde nas décadas de 1950 a 2015, os dados e informações obtidas nos revelaram que, dos quatro Centros selecionados para a pesquisa (CCS, CE, CTG e CCEN), apenas um (CE) possui, no levantamento geral, uma maior quantidade de mulheres docentes. Essa constatação nos levou a perceber que ainda existe dentro da universidade diferenças e lugares definidos por sexo, conforme se delineiam as relações de gênero, mesmo após quase sete décadas de sua fundação.

Apesar do aumento do acesso das mulheres na docência do ensino superior, em termos proporcionais elas/nós ainda são/somos minoria. A presença feminina tem sido ainda mais efetiva em áreas convencionadas como “femininas”, conforme observamos no Centro de Educação. Este fato sugere que as mulheres fazem a sua escolha profissional considerando um conjunto de fatores, que podem estar ligados principalmente a questões culturais internalizadas pela mulher e pelas pessoas que a influenciam sobre o seu lugar social nas diversas áreas de atuação.

O levantamento total que fizemos do Centro de Educação nos revelou que essa é uma área na UFPE predominantemente feminina, pois nas últimas cinco décadas é possível vermos mais que o dobro de mulheres docentes. Entretanto, apesar de ser uma área predominantemente

feminina, também observamos que em alguns departamentos do CE é possível vermos um número considerável, e até mesmo superior, de homens.

No Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação há uma quantidade maior de docentes homens, e o departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional caminha para uma equidade, que pode estar justificada por essas serem áreas que preparam para a inserção em diferentes níveis de poder e de tomada de decisões. Além disso, o fato de as mulheres estarem em maior número nos Departamentos de Psicologia e Orientação Educacional e no Departamento de Métodos e Técnica de Ensino, reforça a afirmativa de que, mesmo na Educação, as mulheres dominam campos relacionados à prática e ao cuidado e aconselhamento e os homens estariam em campos ligados à reflexão teórica e a tradição filosófica, como observado no Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos.

No centro de Ciências da Saúde, ao analisarmos os dados totais sobre as/os docentes da graduação e da pós-graduação da UFPE, constatamos que, ao longo das sete décadas, a superioridade masculina em termos quantitativos foi uma constante. Apesar de a presença da mulher docente ser crescente, também há a reprodução de hierarquias e segregação feminina, pois existem departamentos, assim como observamos no CE, ligados a área de maior prestígio acadêmico, que possui uma maior presença masculina e aquelas ligadas à prática e ao cuidar, com uma presença maior feminina.

No CCS a mulher docente está concentrada em áreas como Fisioterapia, e Nutrição, assumindo mais que a metade do total de professoras/es. Em Terapia Ocupacional, todas são mulheres. Já em outros Departamentos, como o de Cirurgia e Neuro-Psiquiatria, que dentro da área de saúde são mais valorizados, considerados de maior complexidade, especificidade e que exige um trabalho mais refinado, há mais que o dobro de homens.

Na trajetória das docentes mulheres no Centro de Tecnologia e Geociências, percebemos que esse não aconteceu da mesma forma como analisamos no CCS e no CE. Apesar de o número de mulheres ser crescente ao longo das décadas, em termos quantitativos, há mais homens, que também foi crescente, mas, em termos proporcionais, manteve-se em número superior, vincando uma desigualdade crescente. Isso nos leva a observar que, na UFPE, o CTG é um campo hegemonicamente masculino, pois, nos dias atuais, dos doze departamentos, todos possuem uma quantidade superior de homens.

No CTG, a presença feminina está limitada a poucas áreas, sendo possível ver um número expressivo destas apenas nos Departamentos de Engenharia de Produção, Engenharia Química e Oceanografia. Uma abertura maior para a presença feminina nesses departamentos pode se justificar por esses serem campos de atuação diversas. A Engenharia da produção, por exemplo, está ligada, também, ao administrativo das indústrias e empresas; a Oceanografia trabalha com pesquisas animais e vegetais no ambiente marinho e está ligada à biologia e zoologia, e ao cuidado, à gestão e à preservação do meio ambiente e o seu campo de atuação, além de setores públicos e privados, também podem ser em ONGs. Já a Engenharia Química não tem um campo de atuação restrito apenas às indústrias petroquímicas, essa atuação também se estende aos setores de cosméticos, perfumes, produtos de limpeza, higiene, farmacêuticos, entre outros.

Diante disto, constatamos que, mesmo inconscientemente, as mulheres ainda escolhem áreas de atuação que tenham um âmbito educativo e afetivo, que se relacionam de algum modo com o âmbito doméstico, concebido por muito tempo como próprio à mulher. Já os homens são influenciados a selecionar profissões relacionadas com a produção externa ou que lhes permitem atingir cargos de liderança e de condução. Assim, a existência de uma quantidade maior de mulheres docentes em Departamentos como Métodos e Técnicas de Ensino, Psicologia e Orientação Educacional, Terapia Ocupacional e Nutrição e Fisioterapia e de uma quantidade maior de homens em Departamentos como Neuro-psiquiatria, Cirurgia, em todas as Engenharias e em todos os departamentos do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, são exemplos disso.

Além disso, observamos também que a presença feminina diminuiu em vários cursos, a exemplo do curso de Patologia, Educação Física, Neuro-Psiquiatria, Engenharia Eletrônica e Engenharia Elétrica, que vai de encontro à ideia de que, ao passar dos anos, a questão de gênero será solucionada, ou que gerar mais presença vai haver equidade de gênero nos áreas: os dados mostram que não.

No que se refere à evolução do número de docentes mulheres em Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na UFPE, nas quatro áreas do conhecimento que estudamos, nas décadas de 1950 até 2015, constatamos que, dos oito Programas que analisamos, apenas dois têm um maior número de mulheres. Esses dados nos fazem crer que, assim como o observado

nos Centros, também na docência da pós-graduação há uma tendência à formação de “Guetos” e conseqüentemente da reprodução de hierarquias.

Existem nesses Programas, assim como já referenciamos no debate de Londa Schiebinger, formas de segregação hierárquica ou vertical, que exclui as mulheres dos níveis mais elevados da ciência ou da tomada de decisão. Em nossa pesquisa, também nos Programas de Pós-Graduação, ao analisarmos Programas vistos como de maior prestígio na universidade, principalmente por estarem na área das ciências exatas, identificamos cada vez menos a presença feminina, como é o caso dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Cirurgia e Física. A presença feminina é maior nos Programas de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical.

Da mesma forma, também observamos que há um processo de segregação territorial ou horizontal, no qual as mulheres se encontram majoritariamente em poucas áreas, todas tendo como denominador comum aspectos considerados como “femininos”, ligados também à prática, ao cuidado, sendo, portanto, de menor prestígio social. As situações descritas permitem considerar que na UFPE existem áreas do conhecimento “femininas” e áreas “masculinas”.

Assim, os resultados relativos a essa pesquisa demonstram que as relações de gênero em diferentes setores acadêmicas da UFPE não é equitativa. A pesquisa oferece um conjunto de dados e informações no qual se manifestam os processos de segregação do sexo feminino. Esses sugerem que os estereótipos sexuais que dividem as áreas em masculinas e femininas ainda mostram que as mulheres participam muito menos de áreas científicas consideradas de maior prestígio acadêmico, como a área das exatas.

Cabe observar que esse processo de segregação não é explícita. A concentração feminina em determinadas áreas e sua ausência em outras não está sustentada em limitações objetivas, pelo contrário: são argumentos mais subjetivos, como a escolha e da afinidade acadêmica, do gosto e do jeito mais para uma área do que para outra. Essa é uma força tão poderosa, impregnada socialmente, que pode ocorrer processos de auto exclusão a partir da crença de que a mulher é melhor em determinadas áreas e os homens em outras.

No tocante ao número de grupos de pesquisas de docentes dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UFPE registrados no CNPq, a partir do apontamento das lideranças, observamos que mais da metade dos grupos de pesquisa são liderados por homens, isso nos revela que as mulheres estão na maioria dos grupos como coadjuvantes ou estão ausentes de determinadas áreas do conhecimento, como no caso dos grupos de pesquisa em Física, no qual não registramos nenhuma mulher como líder.

Nessa perspectiva, ao analisarmos os grupos de pesquisa, as mulheres também estão concentradas em áreas específicas, tal como dentro dos Programas de Pós-Graduação, ainda ligadas à prática e ao cuidar, pois as mulheres são maioria nas lideranças dos grupos ligados à Educação e à Medicina Tropical.

Apesar de, há mais de quarenta anos, as feministas estarem protagonizando o debate na ciência para a superação da crença da inferiorização da mulher, devido à sua suposta capacidade intelectual mais reduzida, ainda evidenciamos que dentro da universidade há áreas “mais ocupadas pelas mulheres” e áreas “mais ocupadas pelos homens”, e, esse ocupar, significa dizer, preencher os espaços que cabe a cada grupo.

Isso nos mostra que a mudança social em curso, dentro da ciência, é lenta e se alimenta de um grande conservadorismo. Nesse sentido, importa referir que a contribuição das correntes feministas dentro da ciência têm apontado um conjunto de desigualdades entre sexos, áreas, recursos, visibilidade, a ocupação das mulheres em áreas tradicionalmente masculinas. É um processo ainda em construção, pois, na maioria dos Programas analisados, percebemos poucos avanços, em termos quantitativos, de uma geração para a outra.

Considerando a especificidade do desenho de gênero na Pós-Graduação da UFPE, é possível afirmar que os resultados dessa investigação é uma amostra dos desenhos de outras pós-graduações de outras Universidades Federais, na medida em que a Universidade Federal de Pernambuco se situa entre as dez melhores universidades do país, vista como uma referência, especialmente na Região Nordeste.

Dentro desse cenário, é possível que instituições com características similares à UFPE reproduzam as mesmas relações de gênero. Entretanto, há de se considerar que as universidades públicas preenchem seus quadros docentes por meio de concurso público, o que, a princípio, nos leva a crer que essas desigualdades entre mulheres e homens podem ainda ser

mais profundas em outras instituições privadas ou mistas onde não haja oportunidades iguais de acesso, conforme preconizam os editais públicos.

Isto também nos diz que estas desigualdades históricas, nos desenhos da ciência, têm sua origem bem antes da universidade, na formação das meninas e dos meninos, antes da educação superior. O ensino superior reproduz uma guetização que já vem da escola, o que nos leva a refletir sobre quais as estratégias para superar. Nessas etapas, apesar de muitos estudos na área da educação, pressionado pelo diálogo com os movimentos feministas e LGBT, os avanços ainda são bem aquém do que se imagina uma educação que forme cidadãos e cidadãs para uma cultura de equidade de gênero e sem preconceito em todos os campos sociais.

A nossa pesquisa, apesar da quantidade de informações trabalhadas, das informações que foram obtidas e as novas compreensões alcançadas, aponta que há ainda uma grande possibilidade de novos estudos sobre este tema, que podem surgir a partir do nosso.

Desenvolver esse mesmo estudo em universidades de outras regiões do Brasil pode nos revelar, em termos comparativos, outros desenhos de gênero que nos ajude a compreender a dinâmica das relações de gênero de forma mais ampla. Outra possibilidade de pesquisa poderia ser formulada para compreender as relações de gênero na gestão das universidades ou a evolução do número de estudantes em diversos cursos. Proposições essas que nos mostra a importância de explorarmos ainda mais esse tema.

Sendo assim, após a análise dos dados da nossa investigação, compreendemos que as relações de gênero no corpo docente da pós-graduação *Stricto Sensu* da UFPE, como uma janela pela qual se olha as demais universidades federais do Brasil, é o resultado de arraigados estereótipos sócio-culturais e ideológicos que se manifestam dentro do processo educativo desde os primeiros anos e se aprofundam nas escolhas das carreiras profissionais do ensino superior, resultando em desenhos institucionais dos quadros docentes, com claras clivagens em termos da presença e da liderança científica entre mulheres e homens, quer seja dentro das áreas do conhecimento, dos Programas de Pós-Graduação e dos Grupos de Pesquisa analisados.

REFERÊNCIAS

- COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STRY, M. N.; CABEDA, S. T.; PREHN, D. R. (Org.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.
- JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Orgs.). **Gênero/corpo/conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LAGE, A. C. Entre hegemonias e subalternidades, discursos e militâncias que apontam para uma ciência pós-colonial: é possível uma ciência mestiça? In. **Revista do Observatório dos Movimentos Sociais**, Caruaru, Ano I, n. 1, Jul./Ago./Set./Out. 2008.
- MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da «ciência»: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: “Um discurso sobre as ciências” revisitado. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.